



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**LEON DENIS FERREIRA XAVIER**

**(RE)CONHECENDO O SERTÃO ATRAVÉS DO SOM: A UTILIZAÇÃO DA  
MÚSICA COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA**

**FORTALEZA**

**2019**

LÉON DENIS FERREIRA XAVIER

(RE)CONHECENDO O SERTÃO ATRAVÉS DO SOM: A UTILIZAÇÃO DA  
MÚSICA COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentada Departamento de Geografia  
de Geografia da Universidade Federal do  
Ceará, como requisito parcial à obtenção  
do título de Graduado em Geografia  
Licenciatura.

Orientador: Profa. Dra. Marta Celina  
Linhares Sales

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- X21( Xavier, Leon Denis Ferreira.  
(Re)conhecendo o sertão através do som: a utilização da música como metodologia de ensino de Geografia / Leon Denis Ferreira Xavier. – 2019.  
47 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2019.  
Orientação: Profa. Dra. Marta Celina Linhares Sales.
1. Geografia e Música. 2. Ensino de Geografia. 3. Geografia Libertária. I. Título.

CDD 570

---

LÉON DENIS FERREIRA XAVIER

(RE)CONHECENDO O SERTÃO ATRAVÉS DO SOM: A UTILIZAÇÃO DA  
MÚSICA COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentada Departamento de Geografia  
de Geografia da Universidade Federal do  
Ceará, como requisito parcial à obtenção  
do título de Graduado em Geografia  
Licenciatura.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Marta Celina Linhares Salves (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Ms. Lucas Bezerra Gondim  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus pais, Conceição e Xavier.

## AGRADECIMENTOS

À profa. Marta Celina Linhares Sales pela excelente contribuição durante minha graduação, possibilitando trabalhos e experiências incríveis a partir da Climatologia e pela orientação neste trabalho.

Ao prof. Tiago Vieira Cavalcante pelas disciplinas em que tive a oportunidade de ser seu aluno, pelos trabalhos que me inspiraram a trabalhar com arte e pela companhia em um dos momentos mais importantes da minha vida e graduação.

Ao Lucas Bezerra Gondim pelas conversas e pelas excelentes ideias que pudemos trocar na Praça Milton Santos e pela ajuda no desenvolvimento do meu primeiro trabalho relacionado à música.

Ao prof. Christian Dennys Monteiro de Oliveira pelas inspirações e uma das primeiras pessoas a considerar e incentivar as minhas leituras libertárias quanto a Geografia.

A minha família que sem eles não seria possível ter chegado até aqui, tendo todos uma grandiosa contribuição para minha formação enquanto pessoa e, conseqüentemente, profissional.

A Mariana Ingrid Sousa Melo, minha namorada, que me apoiou incondicionalmente na realização do trabalho e possibilitou reflexões sobre algumas das temáticas abordadas.

Ao Ernesto Barroso Lopes e sua família (Izabel, Edenizio e Gabriel) pela amizade e laços que construímos junto desde a escola, pelo apoio, pelos momentos e por fazerem parte da minha caminhada.

Ao meu grupo de amigos, as *Heathers* (Anne, Bianca, Borges, Clarice, João Marcos, Leticia, Lucas), pelos momentos incríveis, pelos aprendizados, por estarem ao meu lado e serem não só essenciais, mas marcantes na minha vida.

Ao Eduardo pela amizade construída, pelos shows e por também construir novos momentos em minha vida.

Aos 420 amigos que construí antes e depois da UFC que também fazem parte disso tudo.

“Educar não para normalizar e conformar – objetivo central de toda pedagogia moderna – mas para revoltar e transformar.” (Sílvia Gallo, 2006, p. 7)

## RESUMO

O presente trabalho, reconhecendo a necessidade de que a escola construa sujeitos críticos, busca mostrar como é possível realizar uma aprendizagem significativa através da utilização da música no ensino de Geografia. Tendo por base alguns ideais libertários, como a construção de conhecimentos necessários para a compreensão do mundo e que possibilitem sua criticidade, como proposto por Tiana (1987), a pesquisa é voltada para o reconhecimento da realidade sertaneja no Brasil. O principal objetivo do trabalho é analisar a possibilidade da música como uma metodologia no ensino de Geografia, mas também mostrar que é possível compreender o espaço através dela. Durante a intervenção em sala de aula foi realizada a construção de mapas mentais, baseado em Ausubel (2003), exposição dos conteúdos juntamente a reprodução das músicas e debates para a fixação dos conhecimentos. Para avaliar a prática foi realizado um questionário com os estudantes e a partir dele foi percebido que é realmente possível utilizar a música, pois consideraram que facilita a compreensão dos conteúdos e torna a aula mais proveitosa, além de reconhecerem sua possibilidade de uso em variadas temáticas. Com isso a música se mostrou um potente aliado do professor em sala de aula dialogando com os conhecimentos dos alunos e tornando o aprendizado mais prazeroso e significativo.

**Palavras-chave:** Geografia e Música. Ensino de Geografia. Geografia Libertária.



## RESUMEN

El presente trabajo, reconociendo la necesidad que la escuela forme sujetos críticos, busca señalar como es posible ejecutar un aprendizaje significativa a través de utilización de la música en la enseñanza de Geografía. Basado en algunos ideales libertarios, como la construcción de conocimientos necesarios para la comprensión del mundo y que permiten su criticidad, según lo propuesto por Tiana (1987), la investigación es vinculada con el reconocimiento de la realidad del interior (*sertão*) en Noreste de Brasil. El objetivo principal del trabajo es analizar la posibilidad de la música como una metodología en la enseñanza de Geografía, pero también exponer que es posible entender el espacio a través de la música. Durante la intervención en aula fue realizada la construcción de mapas mentales, basado em Ausubel (2003) en conjunto con reproducción de las músicas y debates para fijar los conocimientos. Para evaluar la práctica fue aplicado un cuestionario con los estudiantes. Con esa encuesta hemos percibido ser posible usar la música, como forma de facilitar la comprensión de los contenidos y hacer las clases más productiva; además de reconocer la posibilidad del uso en temas variados. Con eso, la música ha resultado en un potente aliado del profesor en las clases, dialogando con conocimiento de los estudiantes y haciendo el aprendizaje más placentero e significativo.

**Palabras-clave:** Geografía e Musica. Enseñanza de Geografía. Geografía Libertaria.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Localização da EEFM Professor Hermenegildo Firmeza .....	16
Figura 2 – Mapa mental equipe 1, 1º ano E .....	17
Figura 3 – Mapa mental da equipe 1, 1º ano F .....	18
Figura 4 – Mapa mental reconstruído da equipe 1, 1º ano F .....	19
Figura 5 – Fluxograma da realização das atividades .....	19

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Resposta dos estudantes a primeira questão do questionário sobre como considerava a Geografia em sua vida .....	20
Gráfico 2 – Respostas dos estudantes a questão quatro, sobre a utilização de música em sala aula torná-la mais interessante .....	21
Gráfico 3 – Resposta dos estudantes a sexta questão que questiona a possibilidade de utilização de recursos didáticos variados em Geografia .....	21
Gráfico 4 – Resposta dos estudantes sobre a intervenção, se as músicas facilitaram a compreensão do conteúdo .....	22
Gráfico 5 – Respostas dos estudantes sobre a utilização de outros ritmos musicais para tratar de outros temas em Geografia .....	22

## **SUMÁRIO**

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>2</b>	<b>CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA UTILIZAÇÃO DA MÚSICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA .....</b>	<b>3</b>
<b>3</b>	<b>A MÚSICA E A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTE .....</b>	<b>6</b>
<b>3.1</b>	<b>Os aspectos físicos do Nordeste e o Semiárido .....</b>	<b>7</b>
<b>3.2</b>	<b>Os aspectos humanos do Nordeste, sua formação espacial e o pertencimento .....</b>	<b>8</b>
<b>4</b>	<b>ESCOLHA E ANÁLISE DE MÚSICAS .....</b>	<b>11</b>
<b>5</b>	<b>A INTERVENÇÃO NA ESCOLA E SEUS RESULTADOS .....</b>	<b>16</b>
<b>5.1</b>	<b>Percepções enquanto docente .....</b>	<b>16</b>
<b>5.2</b>	<b>Percepções dos estudantes .....</b>	<b>19</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>23</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>24</b>
	<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO UTILIZADO APÓS A INTERVENÇÃO .....</b>	<b>27</b>
	<b>APÊNDICE B – PLANO DE INTERVENÇÃO .....</b>	<b>29</b>
	<b>ANEXO A – MAPA MENTAL EQUIPE 2, 1º ANO E .....</b>	<b>31</b>
	<b>ANEXO B – DESENHO EQUIPE 2, 1º ANO F .....</b>	<b>32</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Diante do atual contexto tecnológico e educacional é possível e necessário que se utilizem diferentes ferramentas para ensinar, com isso surge a proposição de trabalhar a música como um recurso de ensino, usando desta forma suas letras para explicitar relações existentes, ou mesmo a forma como descrevem o espaço de maneira poética. Além disso, a musicalidade, através das melodias e instrumentos, também expressa informações sobre o espaço, por exemplo, a sonoridade da sanfona em algumas músicas que passa a ideia da dificuldade de se viver no sertão.

Com isso, considerando a realidade de muitas escolas em que há o que Paulo Freire (1996) classifica como uma educação bancária, em que o estudante aparece como um depósito vazio de saberes e o professor, como detentor do conhecimento, apenas deposita estes para o aprendiz. Em um período de difusão tecnológica, que atua distribuindo informação nos mais variados meios, como nos dias de hoje é inegável que o aluno possui também conhecimentos sobre o mundo, ou seja, não se pode desconsiderar as individualidades presentes na escola, um ambiente composto por sujeitos com vivências plurais e diversas, e por isso é preciso que haja uma atuação na construção do conhecimento, para que ele não seja utilizado como uma ferramenta de opressão e padronização do indivíduo, levando em conta as realidades dos estudantes, mas sim fortalecendo os saberes prévios, permitindo ao educando uma maior autonomia para lidar e participar do mundo, enquanto membro ativo da sociedade.

Atualmente a escola encontra-se como uma máquina de reprodução por manter a informação inacessível, repassando apenas saberes necessários e selecionados para, por exemplo, obter bons resultados e conseguir um emprego socialmente aceito como importante, não permitindo uma compreensão completa do mundo ao redor dos estudantes. Dessa forma é mantido uma espécie de padrão a ser seguido nas atividades cotidianas, excluindo os que não se encaixam nesta determinação, gerando e perpetuando desta forma preconceitos e a desigualdade social. Desta forma é preciso que a escola se proponha a agir de forma livre, possibilitando que os estudantes sejam atuantes em uma melhoria do nosso quadro social, através do conhecimento e da compreensão crítica acerca da realidade.

Assim considerando a Geografia como a disciplina, ou ciência, que se propõe a compreender entre outros o fenômeno da globalização, além de sua ampla área de

estudos, como é colocado por Oliveira (1998), o uso de metodologias inclusivas quanto às características individuais dos estudantes é necessário. A extensão e complexidade da Geografia possibilita que sejam utilizadas variadas metodologias, como a proposta deste trabalho com a utilização da música para compreender o espaço do Nordeste, baseando-se em uma conceituação libertária da Geografia que a considera como uma ciência mais sincrética que sintética (SOUZA, 2018, p. 278), por trabalhar de maneira aprofundada os aspectos físico e social, não simplesmente realizando uma síntese, mas proporcionando um novo conhecimento diante das relações entre os objetos de estudo. Esta concepção permite também perceber a ciência não como um estudo da relação que o homem desenvolve com o meio, mas o compreendendo como parte deste, como colocado por Reclus (1905-1908, v.1, p.4) (apud SOUZA, 2017) o homem é “a natureza tomando consciência de si mesma”. Desta forma podemos compreender como o humano se desenvolve no espaço, criando afetos e percepções.

A utilização da música em sala de aula pelo docente pode ser atuante ao chamar a atenção dos estudantes para o conteúdo que está sendo trabalhado, mas também tem um aspecto lúdico, onde é possível construir conhecimentos de uma forma não tradicional, com a simples exposição, onde o professor representa aquele que detém o conhecimento e o aluno deve apenas escutá-lo. A música trabalha muito bem a descrição de paisagens ou situações através de suas letras que podem ter um grande valor para o ensino de Geografia, algumas temáticas da disciplina são bem presentes na música, como: lugar, paisagem, migração e até mesmo aspectos políticos, como é posto por Silva (2015), porém é importante reconhecer que arte não possui uma limitação quanto aos temas, cabendo a utilização nos mais variados assuntos de forma a enriquecer o debate geográfico.

É importante salientar que, como as diversas metodologias alternativas existentes, a música deve ser utilizada de forma coerente e estar de acordo como a temática abordada, através da construção de um planejamento prévio com levantamento bibliográfico e reflexões que possibilitem uma melhor absorção do conhecimento, a fim de não se tornar uma prática completamente vazia, onde há simplesmente a reprodução musical e não se propõem uma discussão ou reflexão, e de levar para os estudantes sentido naquilo que está sendo estudado para, assim, construir um aprendizado significativo e prazeroso.

Desta forma o objetivo geral deste trabalho é analisar a possibilidade da utilização da música como um recurso de ensino e, especificamente, compreender as possibilidades de relacioná-la a aspectos geográficos de análise espacial, como o entendimento da dinâmica física e humana do Nordeste, e entender como ela consegue representar as ideias e sentimentos dos cidadãos que vivenciam essa realidade, além de possibilitar a experiência de um ensino com bases libertárias, proporcionando um conhecimento amplo e uma prática libertadora, que permita que o estudante seja um sujeito crítico e busque não estar preso aos padrões impostos pela sociedade reconhecendo seu valor enquanto indivíduo.

Para alcançar os objetivos foi realizado um levantamento bibliográfico e momentos considerados práticos ao ministrar aulas utilizando música, também foram feitas análises sobre os aspectos musicais e como estes são capazes de representar o Nordeste, em especial o Semiárido, através das letras e sonoridades, em seguida perceber como os estudantes desenvolvem o conhecimento através da utilização de questionários (Apêndice A) e da elaboração (e reelaboração) de mapas conceituais pré e pós-aplicação da metodologia que será explicitada nos capítulos seguintes, com a reprodução de músicas de Luiz Gonzaga e Rapadura.

Com isso o presente trabalho se estrutura com capítulos que abordam a utilização da música como metodologia de ensino e como será avaliada esta prática, trabalhando o aspecto teórico e metodológico da pesquisa; a representação que a música posta como tradicional, pelo marco identitário, do nordeste possui para o nordestino, mas também analisando músicas que perpassam uma nova abordagem sobre o espaço Nordestino, buscando entender por que as características são tão marcantes para este povo; os aspectos físicos gerais do Nordeste e sua formação enquanto região. Um capítulo onde explicita-se a seleção de músicas para a pesquisa e uma análise a partir do olhar geográfico das composições apontando trechos específicos das canções selecionadas. Por fim os últimos capítulos que abordam os resultados do momento prático e as considerações e reflexões finais sobre a execução do trabalho.

## 2 CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA UTILIZAÇÃO DA MÚSICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Considerando inicialmente ideias da Pedagogia Libertária, vemos que a educação deve servir para não só instruir, mas para libertar o indivíduo, como colocado por Lipiansky (2007). Ela deve ter como finalidade que os sujeitos adquiram o máximo de conhecimentos que sejam necessários para a compreensão do mundo e de suas ações sobre este, sendo assim a Geografia, ao compreender o meio em si e os aspectos relativos a ocupação humana, torna-se uma poderosa ferramenta libertadora.

Com base nisso é possível construir relações diretas com as observações de Paulo Freire (1996) e sua crítica ao sistema educacional que busca uma padronização dos sujeitos escolares, dessa forma a utilização da música é pensada inicialmente de maneira a incluir as diferentes perspectivas dos estudantes a cerca das temáticas abordadas e permitir que construam os saberes necessários para a compreensão do mundo, da forma mais completa possível, demonstrando ainda um ideal libertário, sistematizado por Tiana (1987) em *Educación libertaria y revolución social: España 1936-1939*, que a educação não está circunscrita a instituições escolares, ou seja, é possível aprender fora da escola e utilizar a música é uma maneira de demonstrar isso para os educandos, pois demonstra a possibilidade de construir conhecimento (ou pelo menos, compreender o espaço) de outras maneiras através de atividades simples do cotidiano, como ouvir música ou assistir a um filme.

Pais (2006) considera que a escola não reconhece as culturas jovens como uma possibilidade de inclusão e transformação, sendo justamente isso, o que estas formas de expressão reclamam, além do reconhecimento e da pertença, demonstrando o conservadorismo que é presente neste espaço, negando as individualidades dos alunos e mesmo as possibilidades de aulas não tradicionais que considerem as vivências dos educandos. Coloca ainda que a escola tem o conservadorismo como uma de suas principais marcas, buscando a manutenção de relações de poder de forma a reproduzir um modelo geral da sociedade, conformando os estudantes a este modelo nas outras esferas e instituições sociais, enquanto as culturas jovens, em geral, buscam a mudança e a quebra destas relações. Assim, incluir o estudante no processo de construção do conhecimento, levando em conta seus conhecimentos, se faz fundamental para que este se sinta confortável no ambiente escolar e desta forma, disposto a aprender.



Em muitas situações, como posto por Kaercher (2011, p.208), os estudantes não veem sentido nas aulas de Geografia, pois sendo abordada de maneira descontextualizada se torna algo distante da realidade dos estudantes, entretanto Kropotkin (1885) afirma que a Geografia é um poderoso instrumento para o desenvolvimento intelectual do indivíduo, pois o familiariza com o método científico e pode facilmente despertar o interesse e a afeição pela natureza, sendo assim uma ciência atrativa para os mais jovens. Somando a isso Oliveira (1998) levando em consideração a vastidão e relação do cotidiano com a disciplina conclui que a Geografia deve ser mais próxima dos estudantes para compreensão de fenômenos sociais e ambientais. Por isso, e para evitar que a educação seja um instrumento do capital como ferramenta de alienação, como dito por Pinheiro e Mascarin (1992), é proposta a utilização da música e a análise geográfica como um recurso de ensino, de forma que seja possível compreender o espaço de maneira crítica.

Compreendendo que a música consegue “nos transportar para lugares que somente os caminhos da nossa mente conhecem” (OLIVEIRA E HOLGADO, 2016) e que é necessário pensar um ensino que seja possível o aluno encontrar uma identidade, como posto também por Oliveira e Holgado (2016), é possível observar a música, de fato, como um valioso instrumento de ensino de Geografia. Além disso, Carney (2007) diz que a música é a ferramenta ideal para desenvolver o orgulho pelo lugar, possibilitando a formação da identidade. Ferreira (2002, p. 13) afirma que “com a música é possível ainda despertar e desenvolver nos alunos sensibilidades mais aguçadas na observação de questões próprias à disciplina alvo”, além disso, Correia (2009) afirma ainda que a música pode ser atuante ao enriquecer e possibilitar a elaboração de novos conhecimentos. Trabalhando ainda a capacidade de auxiliar na aquisição de informações através dos sons podemos observar da seguinte maneira:

[...] vejamos algumas ocorrências que nos são comuns e cotidianas: a campainha de nossa casa, o apito do juiz de futebol, o assobio para o cão, [...]. Como se percebe nesses exemplos, a combinação sonora constantemente é utilizada como suporte ou subsídio para a memorização e para o aprendizado de qualquer coisa em nossa vida. O impressionante é sua eficácia: com certeza o leitor tem alguns referenciais nesse sentido e jamais se esqueceu deles. (FERREIRA, 2002, p. 24)

Desta forma podemos compreender como a música se relaciona com nossa subjetividade, possibilitando a construção de ideias e uma nova percepção do mundo, através da compreensão dos compositores do espaço e na forma como é colocada nas

letras e melodias. Além disso, o aspecto lúdico que há no ato de ouvir música é um fator que deve ser considerado, pois se trata de um processo de diversão, onde, como já posto, é possível aprender e construir conhecimentos. Com isso, considerando como público alvo os estudantes, é possível propiciar um aprendizado lúdico e subjetivo, permitindo também sua participação através de suas percepções e de seus conhecimentos.

Com base no exposto tem-se a base teórica para a realização da atividade de intervenção, e para subsidiar-se a questão da compreensão espacial através da música, em que há a realização de uma aula expositiva a cerca da paisagem predominante na região Nordeste, mas também das relações sociais, após este momento os estudantes foram responsáveis por construir um mapa mental utilizando palavras-chave para descrever o espaço nordestino. Em seguida a reprodução da música foi feita para os alunos e analisadas em conjunto buscando encontrar aspectos relativos à paisagem e organização espacial da região. Para finalizar a intervenção foi aplicado um questionário construído através de um misto da escala de Likert (perguntas com respostas variando de concordo totalmente a discordo totalmente) e questões abertas (Apêndice A).

O mapa conceitual, baseado na teoria de Ausubel *et al* (2003) (apud MOREIRA, 1997) que tem como base a aprendizagem significativa, juntamente ao questionário permite uma análise da eficácia da utilização da música para ensinar o tema abordado, observando, no primeiro, a construção do conhecimento e, no segundo, a avaliação a partir dos próprios estudantes se a metodologia é interessante, atrativa e impacta positivamente no seu aprendizado. É possível considerar a aprendizagem como significativa “quando uma nova informação (conceito, ideia, proposição) adquire significados para o aprendiz” (MOREIRA, 1998, p. 5), desta forma se torna possível observar a construção do conhecimento através dos mapas conceituais. É interessante também destacar que para o autor “na aprendizagem significativa há uma interação entre o novo conhecimento e o já existente, na qual ambos se modificam” (MOREIRA, 1998), possibilitando um processo de ensino que considera e trabalha o conhecimento prévio dos estudantes.

Considerando o já exposto faz-se necessário compreender a relação da música com o espaço e como este é representado através dela, desta forma o capítulo seguinte

trata esses aspectos, considerando a música e a formação do espaço do Nordeste, especificamente do Sertão, em aspectos ambientais e sociais.

### 3 A MÚSICA E A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTE

A música pode ser vista como forma uma representação do espaço, pois desde os tempos mais antigos o homem esteve preocupado em representar o seu caminho, conforme coloca Teixeira (1999), assim demonstrando sua percepção do mundo e, por vezes, introduzindo seus próprios valores culturais, como fica claro ao lermos letras de cantores considerados tradicionais, pela sua relevância e atemporalidade nas suas representações, para o Nordeste, sendo possível observar no trecho a seguir, em que é possível notar alguns aspectos culturais inseridos na letra:

“Quando olhei a terra ardendo/ Qual fogueira de São João/ Eu perguntei a Deus do céu, ai/ Por que tamanha judiação/ Eu perguntei a Deus do céu, ai/ Por que tamanha judiação/ Que braseiro, que fornaia/ Nem um pé de prantação/ Por falta d'água perdi meu gado/ Morreu de sede meu alazão”.  
(LUIZ GONZAGA, 1995)

Reforçando o já exposto no decorrer do trabalho podemos também perceber a relação da música com a questão do lugar, buscando compreender o sentimento de pertencimento que as questões naturais do Nordeste e seu clima, em maioria, semiárido marcam nas pessoas. Para isso, podemos compreender o lugar como “um mundo de significado organizado” (TUAN, 1983, p. 198) e como “o microcosmo, onde cada um de nós se relaciona com o mundo e o mundo se relaciona conosco” (RELPH, 2012), ou seja, em um primeiro momento é possível observar a recorrência do tema nas músicas por se tratar de uma representação do lugar, a demonstração da percepção do mundo.

É importante compreender que o lugar pode ser visto, pelas geografias pessoais, como sendo uma visão compartilhada de mundo (LOWENTHAL, 1961, p. 118) e relacionado com a questão da identidade, pois ela é simbólica e social (WOORDWARD, 2012), dessa forma a ideia do lugar para o sertanejo pode ser compreendida como uma construção social relativa a afetividade, pois o seu entorno é composto de indivíduos que fortalecem a sensação de pertencimento no desenvolvimento das relações cotidianas. Além disso, utilizando-se novamente de Carney (2007) entendemos como a música pode construir a sensação de orgulho e de pertencimento possibilitando a construção de uma identidade para com o Nordeste, enquanto Sertão, sendo esta uma realidade próxima, ainda que os estudantes possam nunca ter estado neste espaço, reconhecendo somente o ambiente urbano.

Para compreender um pouco mais dessa relação, é importante compreender alguns aspectos relativos a região, tanto em aspectos físicos, como em aspectos humanos e a relação entre homem e meio dentro deste espaço.

### **3.1 OS ASPECTOS FÍSICOS DO NORDESTE E O SEMIÁRIDO**

É importante compreender que, como coloca Alves (2018, p. 13) com base em Ab'Sáber (1974), “a Região Nordeste é a área de colonização mais antiga do país, tendo como característica predominante a seca, que é provocada por muitos fatores, sendo um dos principais, a sua localização Geográfica”. Além disso, o Nordeste se subdivide em quatro sub-regiões (SILVA *et al*, 2016, p. 246): o meio-norte, o agreste, a zona da mata, e o trabalhado sertão, que ocupa a maior parte do território nordestino. Ab'Sáber (1974, p. 5) coloca o Nordeste como predominantemente semiárido,

pelo fato de possuir uma estação chuvosa relativamente longa, pelo caráter intermitente sazonal de seus cursos d'água autóctones, pela ausência de áreas de drenagem esporádicas típicas, pela biomassa global da vegetação das caatingas, e, pelas condições mínimas – posto que precárias – ofertadas por seus solos para atividades agrícolas interfluviais.

Alves (2018) considera que a região ocupa aproximadamente 1,03 milhão de km<sup>2</sup> e por isso é importante compreender que devido ao grande espaço ocupado pela sub-região há a individualidade de algumas localidades, sejam físicas ou humanas, que permitem perceber a pluralidade do que está sendo exposto de um ponto de vista geral, Silva *et al* (2016) caracteriza o sertão como uma sub-região de solo predominantemente pedregoso e raso, com chuvas mal distribuídas e escassas, inviabilizando em muitos casos a utilização agrícola do solo. O domínio paisagístico relacionado ao semiárido é o domínio das depressões interplanálticas do Semiárido do Nordeste, e devido as suas características naturais possui uma complicada dinâmica social relacionada à sua estrutura agrária.

Para Loiola, Roque e Oliveira (2012) a Caatinga possui uma irregularidade climática marcante com valores meteorológicos extremos, com a mais forte insolação, menor nebulosidade e mais altas médias térmicas, com alta evaporação e os mais baixos índices pluviométricos, variando entre 500 e 700 mm por ano. Lucena (2010) afirma que o problema em relação à questão da “falta de água” está na distribuição das chuvas que se concentram em até quatro meses do ano junto aos elevados índices de evaporação, dificultando o armazenamento superficial de água, além disso, há um

elevado escoamento superficial, reduzindo ainda mais o aproveitamento da água das chuvas.

No que diz respeito ao relevo, Correia *et al* (2012) consideram como muito variável contribuindo para a grande variação de unidades de paisagem, além disso, para eles a principal característica é a existência de relevos planos a ondulados, com vales muito abertos. Considerando a Depressão Sertaneja como o principal espaço onde se constrói o imaginário do que é o Sertão e o sertanejo podemos compreender e imaginar a extensão plana e reativamente rebaixada da área, sendo uma paisagem predominantemente árida e com alguns pontos mais elevados. Devido a questão relativa a água presente nesta região é importante compreender que, por vezes, sua disponibilidade dita o ritmo das mudanças da paisagem e da ocupação humana, desta forma Lucena (2010) coloca como os principais recursos hídricos disponíveis os rios São Francisco, Parnaíba, Paraguaçu e Contas.

Conhecendo os principais aspectos físicos relativos ao espaço do Sertão e do Nordeste em si é possível pensar inicialmente forma como se dão as relações sociais no espaço e a forma como o homem se relaciona com este.

### ***3.2 OS ASPECTOS HUMANOS DO NORDESTE, SUA FORMAÇÃO ESPACIAL E O PERTENCIMENTO***

A formação espacial do Nordeste está intimamente ligada a questões territoriais, pois Souza (1995), afirma que o território está relacionado com a escala temporal, pois como está associado diretamente a questão do poder, e a variação deste e de quem o detém pode causar alterações espaciais. Assim podemos concluir que o território é uma construção social vinculada as relações de poder, ou como posto por Alves (2018, p.24) “são os elementos que já existem e estão dispostos no espaço geográfico, mais os elementos que foram transformados pela ação humana”.

É importante compreender a ação humana como um processo coletivo, visto que são mutáveis e historicamente construídas, e que podem ser determinadas por aqueles que detêm o poder, originando ações inclusivas ou excludentes, tal como posto por Shishito e Coguetto (2010, p.4), “a região é moldada pelas imposições objetivas da natureza e da sociedade, e redefinida pelas imposições subjetivas das relações de poder” (apud ALVES, 2018, p. 25). Desta forma podemos indicar alguns dos sujeitos

responsáveis pela formação espacial do Nordeste, como as instituições de poder e os indivíduos que compõem a sociedade.

Sabendo que o Nordeste foi a primeira região brasileira a ser povoada e, conseqüentemente, explorada é possível concluir que seu espaço foi e vem sendo modificado direta e incessantemente há muito tempo, tendo a primeira forma de ocupação econômica relativa a cana-de-açúcar e isto deixa marcas no imaginário sobre o Nordeste até os dias de hoje. A região sempre apresentou um alto índice de desigualdade social e, por isso, alguns governos buscaram amenizar a situação para permitir o desenvolvimento do país, como a criação do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN) e o posterior surgimento da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), ambos durante o mandato de Juscelino Kubitschek, entre 1956 e 1959.

Apesar destes esforços e da obtenção de alguns resultados, como posto por Tânia Bacelar (1997), a região segue apresentando problemas relacionados ao seu desenvolvimento. Hoje algumas políticas públicas a nível federal buscam a inclusão social a partir da descentralização do poder e da renda que “tem proporcionado uma condição de vida melhor a uma parcela expressiva da população, a partir do acesso à renda e às oportunidades” (BRASIL, 2015).

Compreendendo todo o contexto é possível observar ainda os fenômenos relacionados ao êxodo da população nordestina para outros estados, em especial os da região Sul e Sudeste, na busca de melhores condições de vida onde acabavam explorados por ser uma mão de obra barata. Por exemplo, durante a construção da capital Brasília, muitos sertanejos migraram para região para participar da obra enquanto peões, almejando uma possibilidade de melhoria de vida, pois poderiam trabalhar e, desta forma, conseguir dinheiro para sobreviver, diferentemente do Sertão, onde não havia a oportunidade e a falta de água dificultava a sobrevivência.

Reconhecendo a problemática histórica e se contrapondo a ideia de combate à seca surge a ideia de “convivência com o semiárido”, que propõe uma nova forma de se relacionar com o meio, buscando não uma dominação sobre o ambiente, mas de conviver através da exploração das possibilidades que o espaço apresenta, afinal o homem também faz parte deste meio. Cunha e Paulinho (2014, p. 31) afirmam que “É importante ressaltar que, no paradigma da convivência, estão relacionadas duas

dimensões: uma dimensão social [...] e outra ambiental. A dimensão social deve se "adequar" à dimensão ambiental.". Essa proposição de convivência, como afirmam Escórcio e Dutra (2018) sugere que o sertanejo não deve lutar contra seu próprio ambiente, mas sim reconhecer limites e potencialidades, tendo a possibilidade de conviver através de modos que respeitem as características ambientais.

Observando por essa ótica podemos ver que o Nordeste, em especial o semiárido, passa por um momento de reconstrução de seu significado, não mais sendo visto como apenas uma região pobre. Carvalho (2011), afirma que essa questão da convivência possibilita uma nova forma de pertencimento, dizendo respeito mesmo a uma nova identidade, especificamente para aqueles que deixaram ou não reconheciam o espaço como um lugar, é importante reconhecer que para aqueles que não deixaram o Nordeste é possível que esse pertencimento e identidade já existiam. Desta forma é possível perceber, como colocado por Escórcio e Dutra (2018, p. 61), que “a proximidade do sertanejo com a natureza semiárida dá notícias de um homem que possui uma relação de proximidade e intimidade com a sua terra, desvelando raízes e compreensões de quem habita e pertence num resguardo.”, ainda baseado nestas autoras é possível reconhecer o “sertanejo como protagonista de sua história”.

Com isso é possível também repensar e resignificar a forma como o homem se sente pertencente à região Nordeste, apesar de suas características de difícil convivência, desta forma as músicas, mesmo antigas, podem traduzir um sentimento de pertencimento ao seu lugar, se entendido como “onde cada um de nós se relaciona com o mundo e o mundo se relaciona conosco” (RELPH, 2012), e a desconstrução do “imaginário reducionista do sertão como local apenas de seca e escassez” (ESCÓRCIO; DUTRA, 2018, p. 61), sabendo que para isso é importante reconhecer a multiplicidade e a variedade de manifestações culturais, de fenômenos naturais e de aspectos que individualizam pequenas áreas em relação a grande dimensão do semiárido para desta forma construir uma nova imagem para o Sertão, como uma resistência e a própria forma de convivência com o espaço, apesar das limitações e dificuldades.

Desta forma podemos entender a música como uma possibilidade de uma reconstrução do imaginário sobre o Sertão, formando a paisagem espacial, mas também compreendendo as relações sociais existentes na sub-região, com isso a seleção das músicas é um ponto fundamental para esse processo.





#### 4 ESCOLHA E ANÁLISE DE MÚSICAS

Entendendo os conteúdos a serem abordados e a já comentada relação que se constrói entre Geografia e música é possível escolher algumas músicas que trabalhem a temática a partir de suas letras. Dessa forma três músicas foram selecionadas: Asa Branca, composta por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira gravada e lançada em 1947; A Volta da Asa Branca, composição de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, grava por Luiz Gonzaga e Alceu Valença e Norte, Nordeste Me Veste, composta por Rapadura gravada e lançada em 2013. A seleção foi primeiramente baseada nas letras e na possibilidade de construir relação com o conteúdo trabalhado, mas também a partir dos elementos musicais que são possíveis de também relacionar com a música tradicional da região, como os instrumentos, efeitos sonoros presentes e introdução delas, outro ponto é a classificação sobre a tradicionalidade das primeiras músicas, permitindo um contraste com a última, sendo intencionalmente selecionadas para tratar e demonstrar visões que possuem semelhanças, mas que são diferentes olhares sobre os mesmo aspectos, desta forma valorizando o que é posto como clássico, mas colocando novas possibilidades ao estudar o semiário.

Compreendendo que as músicas de Luiz Gonzaga representam e são mais significativas para um público diferente, “Norte, Nordeste Me Veste” foi escolhida por ser um rap misturado com o repente, fazendo a união de algo que é mais próximo da realidade dos estudantes com a temática trabalhada em si.

As canções podem apresentar a forma individual de se compreender o espaço ao seu redor, desta forma para apreender estas percepções analisaremos alguns trechos das músicas a partir do olhar geográfico e da possibilidade de uso em sala de aula.

##### **Asa Branca**

Luiz Gonzaga, 1947

Quando olhei a terra ardendo	Por farta d'água perdi meu gado
Qual fogueira de São João	Morreu de sede meu alazão
Eu perguntei a Deus do céu, ai	
Por que tamanha judiação	Inté mesmo a asa branca
Eu perguntei a Deus do céu, ai	Bateu asas do sertão
Por que tamanha judiação	Então eu disse, adeus Rosinha
	Guarda contigo meu coração
Que braseiro, que fornaia	
Nem um pé de prantação	Então eu disse, adeus Rosinha
Por falta d'água perdi meu gado	Guarda contigo meu coração
Morreu de sede meu alazão	

Hoje longe, muitas léguas  
 Numa triste solidão  
 Espero a chuva cair de novo  
 Pra mim voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus óios  
 Se espaiar na prantação  
 Eu te asseguro não chore não, viu  
 Que eu voltarei, viu  
 Meu coração

A letra desta música é talvez uma das mais conhecidas de Luiz Gonzaga, e apresenta diversos aspectos que podemos relacionar com aspectos geográficos. Além dos instrumentos e do álbum ao qual pertence, *O Nordeste na voz de Luiz Gonzaga*, é possível construir uma imagem clara do sertão nordestino a partir do que é cantado.

Logo no primeiro verso ao cantar “Quando olhei a terra ardendo/ Qual fogueira de São João” já é possível imaginar, em primeiro instante, as elevadas temperaturas e ao mesmo tempo uma questão cultural, que também está ligada a fatores climáticos, o período da colheita do milho, quando se realiza a festa de São João e em seguida ao questionar a Deus sobre a situação, fica claro outro ponto da cultura do nordestino, a religiosidade.

No verso seguinte, já é trabalhado o aspecto da seca e da falta d’água que é o principal problema para o sertanejo, não há plantação que torne possível sequer a subsistência do sertanejo, a perda do gado, uma das principais formas de economia a época e também uma forma de sobrevivência e a morte do alazão, ou seja, nem mesmo o “meio de transporte” que ele possuía foi capaz de resistir a seca.

Inspirado pela Asa Branca, um pássaro característico do sertão, que está migrando em busca também de sobrevivência, o eu lírico realiza um dos principais fenômenos que está relacionado com o nordestino, a migração ou o êxodo, procurando por melhores condições de vida. Nos versos finais da música, já há o ideal e a espera por um momento melhor para voltar para sua terra de origem, a espera pelo momento em que a atmosfera vai permitir que hajam chuvas e o verde da plantação voltar a se destacar na paisagem, um marcante aspecto da Caatinga, que aos primeiros sinais de chuva começa a ter a cor verde, deixando temporariamente o branco padrão de lado.

Além disso, “Espero a chuva cair/ Pra mim voltar pro meu sertão” denota outro momento do fenômeno da migração de retorno, a volta pra casa, por sentir que ali é o seu lugar, carregando assim toda carga afetiva e emocional de relações, política e cultura, tal qual o conceito de “Topofilia” de Tuan (1980).



[Intro]

O Nordeste é poesia  
Deus quando fez o mundo  
Fez tudo com primazia  
Formando o céu e a Terra  
Cobertos com fantasia  
Para o Sul deu a riqueza  
Para o Planalto a beleza  
Pro Nordeste a poesia

[Verso 1]

Rasgo de leste a oeste como peste do sul ao  
sudeste  
Sou rap agreste, Norte-Nordeste, epiderme veste  
Arranco roupas das verdades poucas das  
imagens foscas  
Partindo pratos e bocas com tapas mato essas  
moscas  
Toma! Eu meto lacres com backs derramo  
frases ataques  
Atiro charques nas bases dos meus sotaques  
(Oxe!)  
Querem entupir nossos fones a repetirem nomes  
Reproduzindo seus clones se afastem dos  
microfones  
[...]  
Meto meu chapéu de palha sigo pra batalha  
Com força agarro a enxada se crava em minhas  
mortalhas  
Tive que correr mais que vocês pra alcançar  
minha vez  
Garra com nitidez rigidez me fez monstro  
camponês  
[...]  
Não vejo cabra da peste só carioca e paulista  
Só freestyleiro em Nordeste não querem ser  
repentistas  
Rejeitam xilogravura o cordel que é literatura  
Quem não tem cultura jamais vai saber o que é  
rapadura  
Foram nossas mãos que levantaram os concretos  
os prédios  
[...]  
A cidade só existe por que viemos antes  
Na dor desses retirantes com suor e sangue  
imigrante  
[...]  
[Refrão]  
Ei, Nortista agarra essa causa que trouxeste  
Nordestino agarra a cultura que te veste  
Eu digo Norte vocês dizem Nordeste  
Norte (Nordeste), Norte (Nordeste)  
Ei, nortista agarra essa causa que trouxeste

Nordestino agarra a cultura que te veste  
Eu digo Norte vocês dizem Nordeste  
Norte (Nordeste), Norte (Nordeste)

[Ponte]

Minhas irmãs, meus irmãos  
Se assumam como realmente são  
Não deixem que suas matrizes, que suas raízes  
morram  
Por falta de irrigação  
Ser nortista e nordestino meus conterrâneos  
Num é ser seco nem litorâneo  
É ter em nossas mãos um destino nunca  
clandestino para  
Os desfechos metropolitanos

[Verso 2]

[...]

Plágios sairão entalados com esse cuscuz  
Ao extremo venho ao terreno me empenho em  
trampo agrônomo  
Espremo tudo que tenho do engenho a um  
campo autônomo  
[...]

Sou côco e faço cocada embolada bolo na hora  
Minha fala é a bala de agora é de aurora e de  
alvorada  
Cortando o céu da estrada do nada eu faço de  
tudo  
Com a enxada aro esse mundo e no estudo faço  
morada  
Sou doce lá dos engenhos e venho com essa  
doçura  
Contenho poesia pura a fartura de rima tenho  
Desenho nossa cultura por cima e não por de  
baixo  
Não sabe o que é cabra macho? Me apresento  
Rapadura  
Espanco suas calças largas com vagas para  
calouros  
Estranha o som do Gonzaga a minha sandália de  
couro  
Que esmaga cigarras besouros mata nos  
criadouros  
[...]

[Refrão]

[Outro]

O Nordeste é poesia  
Tocou mãe natureza  
Com toda filosofia  
Fez o Sol e a Lua  
O Sol quente e a Lua fria  
Para o Sul, deu a fartura  
Para o Centro, a agricultura  
Pro Nordeste, a poesia

Esta letra traz um aspecto diferente por ter em sua introdução e fim uma poesia de Patativa do Assaré, deixando clara a valorização da cultura popular nordestina que é apresentada em toda a música. Logo no primeiro verso em “Atiro charques nas bases dos meus sotaques (Oxe!)/ Querem entupir nossos fones a repetirem nomes/ Reproduzindo seus clones se afastem dos microfones” se comenta sobre o charque, ou carne de sol, alimento tradicional do Nordeste devido ao período em que o gado bovino foi um dos principais motores de sua economia e sobre a forma como a cultura regional vem sofrendo tentativas de repressão e de padronização por uma indústria musical. Nas linhas seguintes Rapadura fala ainda como teve que trabalhar dobrado pra ter seu espaço, justamente devido a essa tentativa de invisibilização do Nordeste, quanto a suas manifestações culturais e o acesso a espaços na mídia por parte, principalmente da concentração desta nas regiões Sul e Sudeste.

Em seguida, ao abordar um pouco mais sobre essa questão é posta na música a questão da migração no verso “Foram nossas mãos que levantaram os concretos os prédios/ [...]/ A cidade só existe por que viemos antes/ Na dor desses retirantes com suor e sangue imigrante” e assim se trabalha o papel que o sertanejo teve nos locais onde chegou, sendo apenas uma mão de obra barata, tendo construído cidades e dando a ideia de que se não fosse por essa parcela da população grandes metrópoles poderiam existir hoje de maneira diferente, podendo ter seu crescimento atrasado ou mesmo estagnado.

Na ponte da música constrói ainda uma relação entre o sertanejo, a seca e a resistência através da cultura, quando pede que “Não deixem que suas matrizes, que suas raízes morram/ Por falta de irrigação”. Por fim traz outros elementos culturais marcantes do Nordeste, as Rodas de Coco, a expressão “Cabra Macho” e a própria referência a Luiz Gonzaga e as sandálias de couro. Além disso, durante toda a música é perceptível a utilização de elementos relativos a região através do imaginário, como o chapéu de palha, a xilogravura, o cordel, cuscuz e a própria rapadura.

## 5 A INTERVENÇÃO EM SALA E SEUS RESULTADOS

A intervenção foi realizada nas duas turmas acompanhadas durante a realização do Estágio Curricular em Geografia IV, os 1ºs anos E e F da turma de 2019 do Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor Hermenegildo Firmeza. Nos tópicos que seguem temos as percepções a partir do ponto de vista do professor e dos alunos que expressaram suas opiniões sobre a intervenção por meio de questionários (Apêndice A).

Figura 1 – Mapa de Localização da EEFM Professor Hermenegildo Firmeza

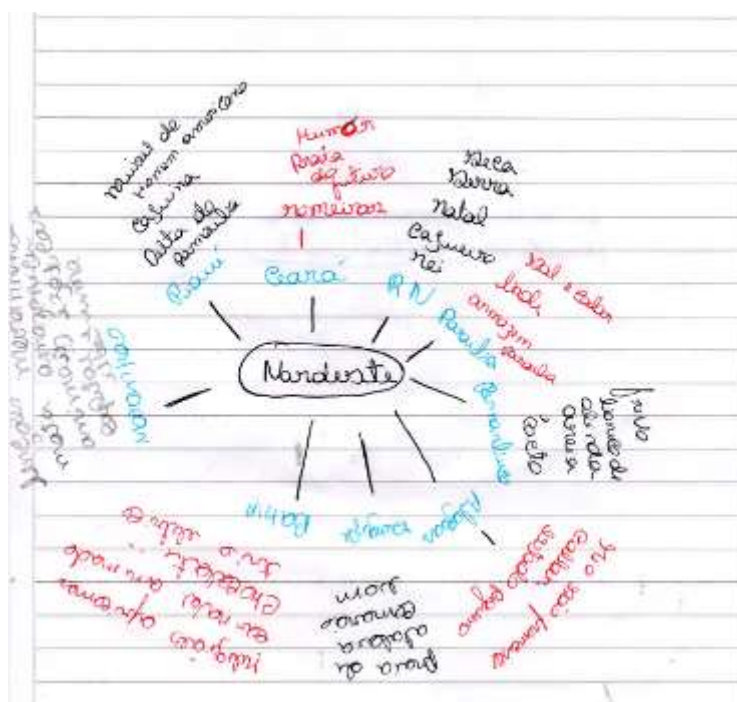


Fonte: Autor, 2018.

### 5.1 PERCEPÇÕES ENQUANTO DOCENTE

A intervenção se deu de forma simples nas duas turmas, sendo realizada através de uma atividade onde os estudantes deveriam, em grupo de até cinco pessoas, elaborar mapas mentais relacionados ao conhecimento que tinham sobre o Nordeste como um todo, mas com foco no Sertão. Sendo assim a pesquisa foi exploratória e experimental, sendo marcada por um diagnóstico dos conhecimentos prévios dos estudantes somados ao que pode ter sido adquirido a partir do uso da música, havendo uma avaliação final, possibilitando a crítica e autocrítica. Alguns estudantes apresentaram dificuldades ou escreveram poucas palavras, entretanto houve produção artística (Anexo B) e na finalização da aula houve a possibilidade de adicionar novos itens aos mapas para que observassem o conhecimento construído durante a aula.

Figura 2 - Mapa mental equipe 1, 1º ano E.



Fonte: Acervo, 2019.

Após a realização dos mapas, como o exemplo exposto na Figura 1, foi feita uma rápida exposição sobre o Nordeste como um todo e aprofundamento em suas sub-regiões, abordando aspectos humanos e naturais enfatizando no Sertão. A exposição foi feita utilizando a lousa e através de perguntas feitas aos estudantes sobre conhecer o sertão, se alguém já havia visitado um interior sertanejo, promovendo a participação durante a aula. Após a exposição foi feito um resumo geral em debate com os estudantes, em seguida foram realizadas as reproduções das músicas *Asa Branca*, *A Volta da Asa Branca* e *Norte Nordeste Me Veste*, no intervalo entre as músicas eram perguntados se conseguiam associar a música a algo que foi explicado no momento anterior criando ligações entre a música e o conteúdo estudado.

É importante ressaltar que durante a execução de *Asa Branca* muitos estudantes conheciam a música e cantavam juntamente com a reprodução, deixando claro que a conheciam previamente, sendo assim algo que podemos considerar da sua vivência. Durante a reprodução de *Norte Nordeste Me Veste* também houve participação dos estudantes ao reconhecerem o gênero da música e lhes parecia mais interessante.

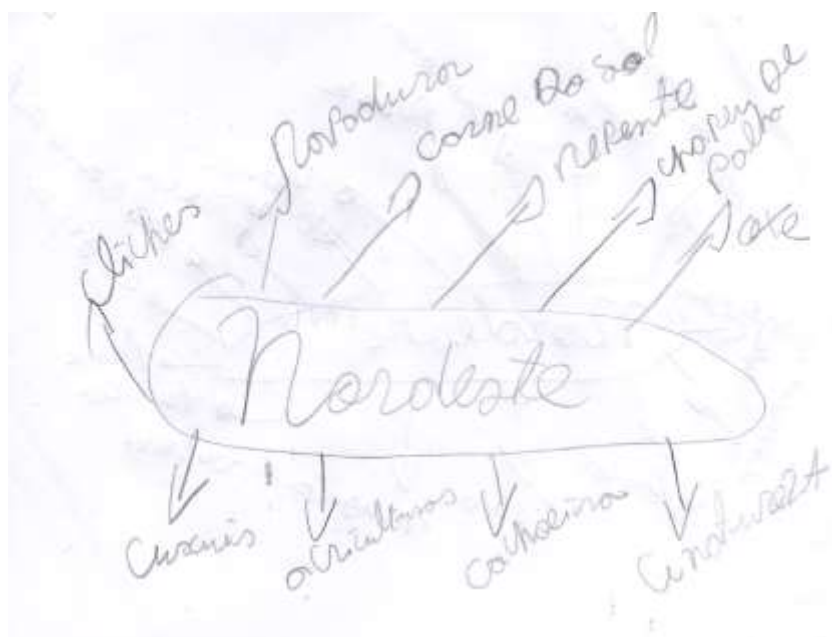
Muitos estudantes, durante o debate, expuseram suas ideias e compreensões acerca das músicas, especialmente sobre *Asa Branca* e *Norte Nordeste Me Veste*,



demonstrando conhecimento anterior sobre estas. Ficou clara a influência que a sociedade tem na reprodução da música de Luiz Gonzaga, pois, apesar de ser mais antiga, é bastante conhecida entre os estudantes. Alguns estudantes relataram ainda que é uma obra comumente ouvida em festas, especialmente durante o São João, desta forma justificando o contato que têm com a canção.

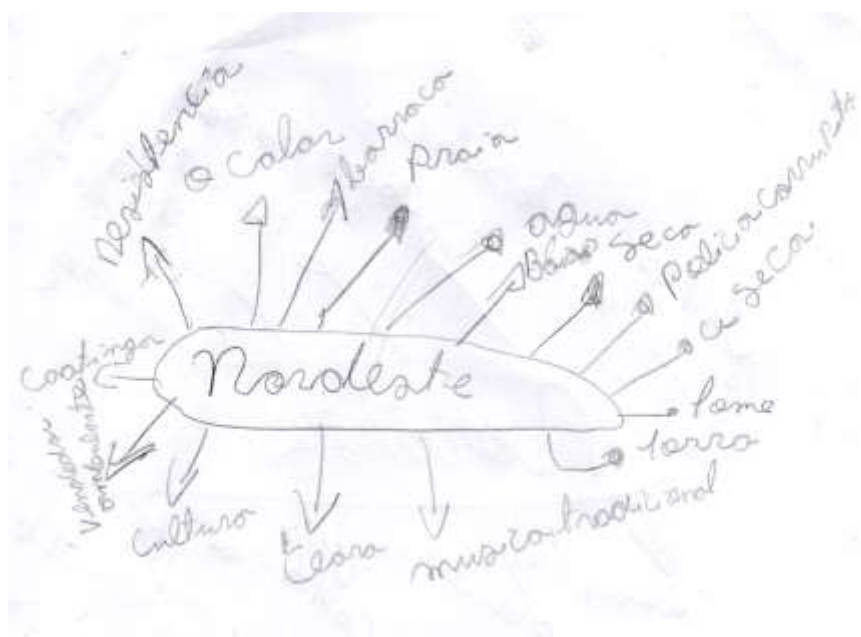
Finalizando este momento, depois da reprodução das músicas e do debate realizado, foi pedido que os estudantes atualizassem seus mapas mentais, como nas Figuras 3 e 4, refazendo-os tendo por base todas as músicas reproduzidas, considerando os conhecimentos adquiridos durante a aula e através da música. Após esta reconstrução eles foram expostos para o restante da turma onde cada equipe explicaria seu mapa, para finalizar a intervenção foi realizado um questionário para que os estudantes expressassem suas opiniões sobre a metodologia e suas percepções sobre a disciplina de Geografia.

Figura 3 - Mapa mental da equipe 1, 1º ano F.



Fonte: Acervo, 2019.

Figura 4 - Mapa mental reconstruído da equipe 1, 1º ano F.



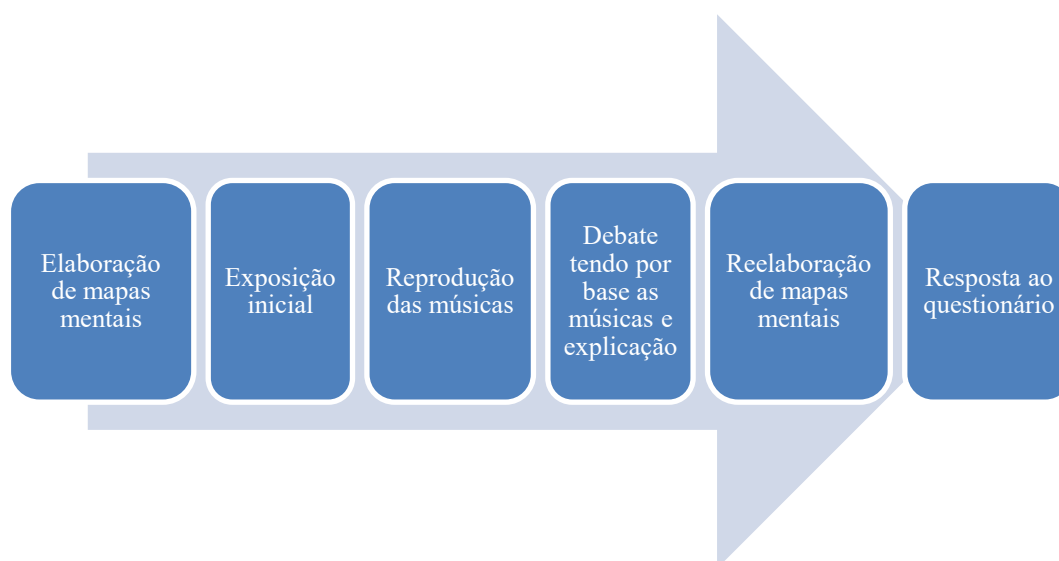
Fonte: Acervo, 2019.

Desta forma, para facilitar a compreensão de como se deu a intervenção em sala de aula o seguinte fluxograma (Figura 5) expõe o passo a passo do que foi realizado durante a aula.

É notável que os mapas mentais assumem em geral o aspecto radial e polarizado, devido a fixação do imaginário conservador do que é o Nordeste, de certa forma isso se deve a forma como os conteúdos estão colocados no livro didático, explicitando por vezes apenas estereótipos e visões generalistas, demarcando apenas um ponto como destaque, que devido ao pouco tempo disponível para o professor devido ao elevado número de atividades, como preparação de feiras na escola, estudos voltados para o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), ou mesmo a cobrança por resultados.

Apesar deste aspecto relativo o livro, é importante ressaltar que o livro utilizado na turma apresentava algumas curiosidades ou fatos sobre os estados, como podem ser observados na Figura 2 em que se comentava sobre aspectos específicos, como a existência de Parques Nacionais, ou o próprio Cajueiro Rei, desta forma é possível notar ainda que de forma tímida uma exposição de alguns fatores que, em geral, não estão dispostos nos livros trabalhados dentro das escolas públicas.

Figura 5 – Fluxograma da realização das atividades.

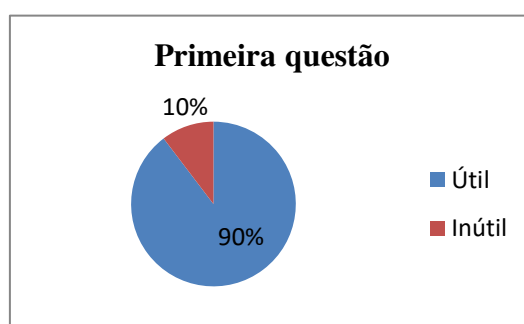


Elaboração: Autor, 2019.

## 5.2 PERCEÇÃO DOS ESTUDANTES

A partir de questionários passados aos alunos é possível observar suas opiniões e como se relacionaram com a intervenção. Os questionários foram aplicados ao fim da intervenção, para que fosse possível avaliar a prática, ao todo participaram 29 alunos, sendo 12 da Turma F e 17 da turma E, com isso os gráficos a seguir, precedendo sua análise, representam as respostas dos estudantes em relação a algumas questões.

Gráfico 1 - Resposta dos estudantes a primeira questão do questionário sobre como considerava a Geografia em sua vida em relação a utilidade cotidiana.



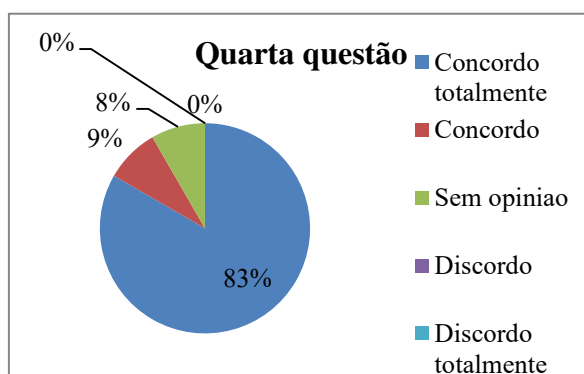
Elaboração: Autor, 2019.

A partir deste gráfico podemos observar algo tratado anteriormente no trabalho, a forma de se ver a Geografia como algo útil no seu dia-a-dia, para que ela assim tivesse um significado para o estudante. Complementando esta questão, observando-se as respostas da segunda e terceira questão (questões abertas e pessoais) é possível compreender mais aprofundadamente a relação dos alunos com a Geografia, por isso, é

importante destacar algumas respostas como “*Gosto da disciplina porque desperta varias curiosidades sobre a matéria*” e “*por conta das variações do tempo e as diversidades sobre o mundo*”(A.B.P.M, 2019), apesar disso também surgiram respostas como “*Pouca relação, só vejo na escola*” (W.R.B, 2019) e outras declarações, como ao perguntados se veem Geografia no cotidiano, que mostram suas percepções “*Sim, principalmente com o tempo e as mudanças de estação*” (C.S., 2019), “*Pode encontrar no dia a dia, até em notícias*” (A.V., 2019), “*A geografia está presente em todo nosso cotidiano*” (R.A., 2019) e “*É bom por que aprendo com as imagens, os mapas sobre vários assuntos de Geografia*” (S.S., 2019).

De forma geral, muitos estudantes relacionaram a Geografia à fenômenos relacionados ao clima e ao tempo, como brisas e a temperatura de forma geral, o que possibilita vermos que possuem conhecimento em Geografia e que é possível aplicá-los em seu cotidiano, em momentos que por vezes podem passar despercebidos, mas se notados denotam uma compreensão dos fenômenos geográficos.

Gráfico 2 - Respostas dos estudantes a questão quatro, sobre a utilização de música em sala aula torná-la mais interessante.



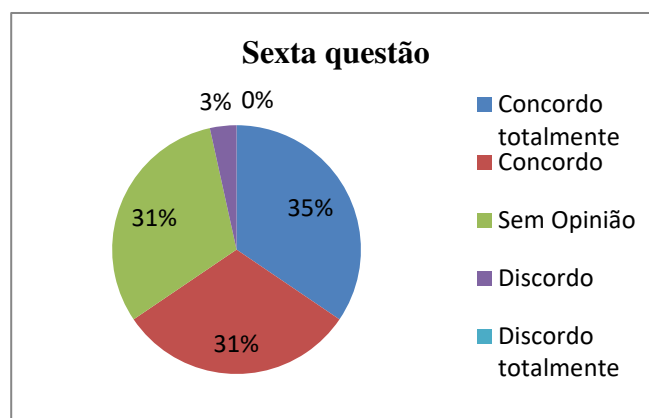
Elaboração: Autor, 2019.

Através das respostas podemos observar que a maioria dos estudantes considera produtivo usar música em sala de aula por considerarem interessante, demonstrando como é possível utilizá-la tanto como estratégia de atração, como de compreensão do conteúdo.

Alguns estudantes comentaram que a música tornou a aula mais prazerosa e divertida, inclusive nas aulas seguintes solicitando novamente um momento com

música, pois consideraram que além de facilitar o aprendizado, era possível aprender se divertindo, em um ato lúdico. Também foram comentadas algumas músicas que os estudantes reconheciam um aspecto geográfico, como a música *Negro Drama* do grupo Racionais MCs e algumas músicas do gênero Sertanejo, em especial as mais antigas.

Gráfico 3 - Resposta dos estudantes a sexta questão que questiona a possibilidade de utilização de recursos didáticos variados em Geografia.

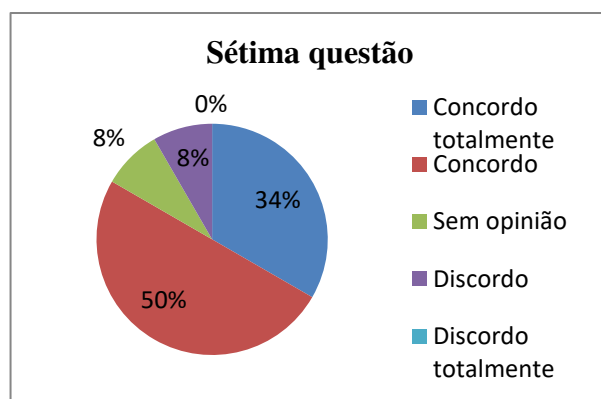


Elaboração: Autor, 2019.

Observa-se através deste gráfico, que apesar de muitos estudantes não possuírem opinião, uma grande quantidade de estudantes considera que se podem utilizar novos recursos e metodologias alternativas para a disciplina, como forma de torná-la mais atrativa e simples de compreender. Complementando as respostas a questão quatro e sete. Além disso, na questão cinco, que questionava sobre a qualidade do modelo das aulas de Geografia na escola, a maior parte dos estudantes não apresentaram opiniões ou discordaram, demonstrando a impopularidade dos métodos tradicionais utilizados em geral.

Através do colocado pelo estudante S.S. (2019): “*É bom por que aprendo com as imagens, os mapas sobre vários assuntos de Geografia*”, podemos perceber a possibilidade de utilizar recursos variados, seja utilizando-se das imagens, dos clássicos mapas ou da música. É necessário considerar ainda outras possibilidades como o uso de filmes ou do teatro.

Gráfico 4 - Resposta dos estudantes sobre a intervenção, se as músicas facilitaram a compreensão do conteúdo.



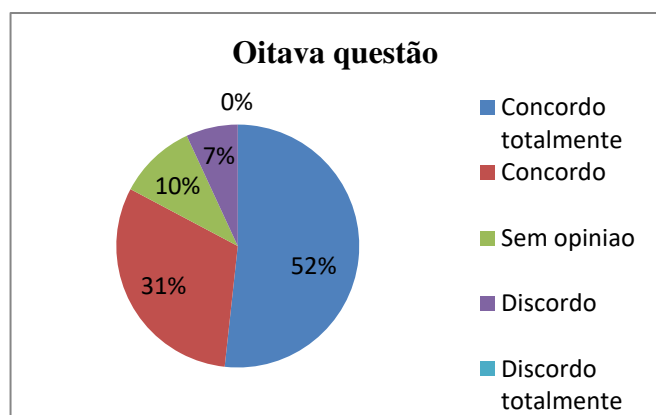
Elaboração: Autor, 2019.

Com esta questão podemos considerar que a intervenção foi bem sucedida, pois os estudantes, de maneira geral, concordam que as músicas utilizadas durante a aula facilitaram a compreensão do conteúdo, apesar da única discordância e ausência de opinião. Os comentários durante a execução das músicas demonstravam que os estudantes estavam interessados e que, apesar de apresentarem algumas dificuldades, se sentiram motivados a construir a relação, inclusive pedindo que os colegas prestassem atenção.

Os olhares atentos e concentrados nas letras das músicas enquanto eram ouvidas demonstravam o interesse, a possibilidade de a música ser utilizada em sala com a finalidade de um ensino inclusivo quanto as diversidades dos estudantes, evitando a questão reprodutivista dentro da escola, e as associações relativas ao conteúdo já exposto, notando os aspectos relativos a paisagem e a formação social, demonstram como é positivo utilizar este meio para facilitar o ensino de Geografia.

Somando-se as respostas das questões anteriores com as da oitava questão (gráfico seguinte), em que os estudantes consideram que seria produtivo utilizar outros ritmos musicais para tratar outros temas da Geografia, abrindo-se a oportunidade para uma possível continuação do trabalho, aproveitando a vasta diversidade de ritmos e letras que existem. É importante propor que ritmos associados as periferias como o rap ou o samba podem facilmente ser utilizados devido a sua descrição da paisagem, mas também a utilização de músicas consideradas mais tradicionais, como o próprio Sertanejo.

Gráfico 5 - Respostas dos estudantes sobre a utilização de outros ritmos musicais para tratar de outros temas em Geografia



Elaboração: Autor, 2019.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta pesquisa e o trabalho podemos constatar algumas considerações sobre a utilização da música como forma de atrair os estudantes a disciplina e de metodologia de ensino. É importante reconhecer a importância do momento para o graduando que entra em contato com a realidade escolar e traz um impacto positivo no ensino de Geografia.

Os mapas conceituais mostram que alguns conhecimentos foram construídos mais aprofundadamente durante a aula, de forma que fica claro que foram associando mais conteúdo ao que já conheciam previamente. Além disso, sua construção revela uma contribuição significativa para o processo de ensino-aprendizagem onde o estudante pode perceber a construção do seu próprio conhecimento.

A intervenção gerou resultados positivos, tanto acadêmicos, quanto pessoais ao observar o interesse dos estudantes no que estava sendo exposto, desta forma é relevante considerar o papel desempenhado pela música dentro desta situação de aproximar o professor e o aluno enquanto cooperadores na construção de conhecimentos. É importante ressaltar também que para a utilização de metodologias alternativas em relação ao modelo tradicional que é posto, como a proposta, é necessário um planejamento e organização visto que uma atividade diferente sem associação com o conteúdo é superficial e impossibilita o aprendizado.

Considerando as músicas utilizadas e o conteúdo relacionado podemos ainda observar uma parte da construção do Nordeste no nosso imaginário e de como as pessoas se aproximam e identificam com o espaço a partir das músicas, deixando também claro que a arte, neste caso a música, pode estar carregada de aspectos geográficos que podem ser explorados de maneira produtiva.

A contribuição sobre a utilização da música em sala de aula e da relação Música e Geografia, desta forma, considera-se construtiva, pois embasa e analisa as duas questões, atrelando discussões próximas, unidas pelo ensino de Geografia no presente trabalho, a música e o ensino. É necessário ainda reportar a importância do enriquecimento pessoal construído ao longo da realização deste trabalho, pois é um fator elementar e necessário para a práxis docente.



## REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. O domínio morfoclimático semi-árido das caatingas brasileiras. **Geomorfologia**, São Paulo, v. 43, p.1-39, jan. 1974. Disponível em: <<https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/11D00001.pdf>>.

Acesso em: 23 set. 2019.

ALVES, Alanna Shirley de Melo. **A Construção Imagética do Nordeste**. 2018. 59 f. TCC (Graduação) - Curso de Especialização em Educação no Semiárido, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2018. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/3653/1/A%20constru%C3%A7%C3%A3o%20imag%C3%A9tica%20da%20Regi%C3%A3o%20Nordeste.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2019.

AUSUBEL, D.P. (2003). **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.

BERNAL, Anastasio Ovejero. Anarquismo Espanhol e Educação. **Educação Libertária: Educação e Revolução na Espanha Libertária**, São Paulo, v. 3, n. 1, p.9-24, dez. 2006.

CARNEY, George O. Música e Lugar. In: CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007. p. 123-150.

CARVALHO, Luzineide Dourado. UM SENTIDO DE PERTENCIMENTO AO TERRITÓRIO SEMIÁRIDO BRASILEIRO: A RESSIGNIFICAÇÃO DA TERRITORIALIDADE SERTANEJA PELA CONVIVÊNCIA. **Revista de Geografia (ufpe)**, Recife, v. 28, n. 2, p.60-76, dez. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/viewFile/228949/23359>>.

Acesso em: 02 out. 2019.

CORREIA, M. A.. **Representação e ensino - A musica nas aulas de geografia: Emoção e razão nas representações geográficas**. 2009. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/21190/Marcos%20Correa.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 set. 2019.

CUNHA, L. H.; PAULINHO, J. S.. Convivência com o semiárido: um novo paradigma para políticas públicas no Nordeste? In: NEVES, D. P.; GOMES, R. A.; LEAL, P. F. (Org.). **Quadros e programas institucionais em políticas públicas**. Campina Grande: Eduepb, 2014. p. 27-58.

ESCÓRCIO, Maíra Leite; DUTRA, Elza Maria do Socorro. Considerações fenomenológico-existenciais sobre o habitar no semiárido brasileiro. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 24, n. 1, p.57-65, abr. 2018. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672018000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672018000100007)>. Acesso em: 02 out. 2019.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002. 238 p. Coleção como usar na sala de aula.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. Pp.57-76. 1996. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/610265/mod\\_resource/content/2/Texto6-Freire-1parte.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/610265/mod_resource/content/2/Texto6-Freire-1parte.pdf)>. Acesso em: 29. mar. 2018

GALLO, Sílvio. Apresentação. In: GALLO, Sílvio et al. **Educação Libertária: Educação e Revolução na Espanha Libertária**. São Paulo: Editora Imaginário, 2006. Cap. 1. p. 7.

GALLO, Sílvio et al. **Educação Libertária: Educação e Revolução na Espanha Libertária**. São Paulo: Editora Imaginário, 2006. Cap. 1. p. 7.

KAERCHER, Nestor Andre. Das coisas sem Rosa uma delas é o Pessoa: as geografias do Manoel e do Nestor na busca do bom professor. In: TONINI, I. M. et al (Org.). **O ensino de Geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Ed. Ufrgs, 2011. p. 205-220.

LIPIANSKY, Edmond Marc. **A Pedagogia Libertária**. Manaus: Editora Imaginária, 2007. 88 p.

LOIOLA, Maria Iracema Bezerra; ROQUE, Alan de Araújo; OLIVEIRA, Ana Cláudia Pereira de. Caatinga: Vegetação do semiárido brasileiro. **Revista Ecologi@**, Lisboa, v. 4, n. 2, p.14-19, abr. 2012. Disponível em: <[http://www.speco.pt/images/Artigos\\_Revista\\_Ecologia/revistaecologia\\_4\\_art\\_8\\_1.pdf](http://www.speco.pt/images/Artigos_Revista_Ecologia/revistaecologia_4_art_8_1.pdf)>. Acesso em: 23 set. 2019.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio et al (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 103-141.

LUCENA, Eliseu Marlônio Pereira de. **Ecosistema do Nordeste (Semiárido): Mudanças Climáticas e Desenvolvimento Sustentável**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010. 352 p.

MOREIRA, Marco Antonio. MAPAS CONCEITUAIS E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 2, n. 11, p.143-156, 1998. Disponível em: <<http://moreira.if.ufrgs.br/mapasport.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

OLIVEIRA, A. U. de. Situação e tendência da geografia. In: OLIVEIRA, A. U. de et al. **Para onde vai o ensino de geografia?** 6. ed. São Paulo: Contexto, 1998. p. 123-124.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; HOLGADO, Flávio Lopes. Conhecendo novos sons, novos espaços: A música como elemento didático para as aulas de Geografia. In: DOZENA, Alessandro (Org.). **Geografia e Música: Diálogos**. Natal: Edufrn, 2016. p. 84-103.

PAIS, J. M.. Busca de si: Expressividades juvenis. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGÊNIO, F. (Org.). **Culturas Jovens: Novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 7-24.

RECLUS, Élisée. **L'Homme et la Terre**. Paris: Librairie Universelle, 1905-1908. 6 v. O endereço on-line pode variar de acordo com o volume. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65596472.r=1%27homme%20et%20la%20terre?rk=85837;2>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p.1-25, abr. 1979. Quadrimestral.

SILVA, Marcelo Alves Maurício da et al. FATORES SOCIOAMBIENTAIS INFLUENCIADOS PELA SECA NA CONSERVAÇÃO DA CAATINGA. **Holos**, [s.l.], v. 4, p.245-257, 9 set. 2016. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). <http://dx.doi.org/10.15628/holos.2016.4175>.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Por uma Geografia Libertária**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017. 504 p

SOUZA, Marcelo Lopes de. Quando o trunfo se revela um fardo: reexaminando os percalços de um campo disciplinar que se pretendeu uma ponte entre o conhecimento da natureza e o da sociedade. **Geosp - Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 22, n. 2, p.274-308, 28 ago. 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/147381/148238>>. Acesso em: 02 out. 2019.

SILVA, Renágila Soares da. **A Importância da Música nas Aulas de Geografia**: Práticas e métodos diferenciados no uso da música como metodologia de ensino nas aulas de Geografia. 2015. 45 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2015. Disponível em: <<http://www.cfp.ufcg.edu.br/geo/monografias/RENAGILA%20SOARES%20DA%20SILVA.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2019.

TIANA, Alejandro. **Educación libertaria y revolución social**: España 1936-1939. Madri: UNED, 1987.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar**: A perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983. Disponível em: <<http://www.artvisualensino.com.br/index.php/textos/send/16-textos/481-yi-fu-tuan--espaco-e-lugar-a-perspectiva-da-experiencia>>. Acesso em: 20 set. 2019.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO UTILIZADO APÓS A  
INTERVENÇÃO**

**QUESTIONÁRIO SOBRE METODOLOGIAS DE ENSINO  
EEFM PROFESSOR HERMENGILDO FIRMEZA**

**INICIAIS: \_\_\_\_\_ SÉRIE: \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_**

Sobre a **disciplina de Geografia** responda as seguintes questões:

1ª) Você a considera, para sua vida, como:

Útil \_\_\_\_\_ Inútil

2ª) Descreva em poucas palavras sua relação com a disciplina:

---

---

3ª) Você vê a Geografia presente em seu cotidiano? Em caso de resposta positiva exemplifique

---

---

Sobre as **metodologias de ensino** utilizadas na escola, **especificamente Geografia**, responda as seguintes questões:

4ª) A utilização de músicas podem tornar aulas mais interessantes:

a) Concorda totalmente b) Concorda c) Sem opinião d) Discorda e) Discorda totalmente

5ª) O modelo de aula de Geografia é satisfatório:

a) Concorda totalmente b) Concorda c) Sem opinião d) Discorda e) Discorda totalmente

6ª) Geografia é uma matéria que há possibilidade de uso de variados recursos didáticos:

a) Concorda totalmente b) Concorda c) Sem opinião d) Discorda e) Discorda totalmente

7ª) As músicas utilizadas facilitaram a compreensão do conteúdo?

a) Concorda totalmente b) Concorda c) Sem opinião d) Discorda e) Discorda totalmente

8ª) Você acharia produtivo o uso de outros ritmos e outras músicas para tratar demais assuntos de Geografia ?

a) Concorda totalmente b) Concorda c) Sem opinião d) Discorda e) Discorda totalmente

## APÊNDICE B – PLANO DE INTERVENÇÃO

### PLANO DE AULA

**DISCIPLINA: GEOGRAFIA**

**PROF.: LÉON DENIS FERREIRA XAVIER**

#### PLANO DE AULA

**ASSUNTO:** Aspectos Geográficos do Nordeste e do Sertão

#### OBJETIVOS

##### GERAL

- Compreender a formação do Nordeste e seus aspectos sociais e ambientais.

##### ESPECÍFICOS

- Construir a relação entre a música e o conteúdo;
- Conhecer as sub-regiões do Nordeste, com ênfase no Semiárido
- Entender os processos sociais do Semiárido.

#### CONTEÚDO

- Nordeste em um contexto geral
- Aspectos físicos do Semiárido (Clima, Relevo, Hidrografia);
- Músicas que abordem o tema;
- Relação música e geografia.

#### MATERIAIS

- Pincel
- Caixinha de som
- Letra das músicas
- Mapa das sub-regiões do Nordeste

#### METODOLOGIA

Confecção de mapas mentais sobre o Nordeste, seguida de exposição tradicional sobre a temática da aula, reprodução das músicas selecionadas e reelaboração dos mapas mentais.

## CRONOGRAMA

Tempo total da aula: 100 minutos

- Confecção do mapa mental – 15min.
- Exposição – 20min.
- Reprodução de músicas e discussão – 30min.
- Fechamento da discussão e reelaboração do mapa mental – 10min.
- Exposição dos mapas construídos – 15min.
- Responder ao questionário sobre a intervenção – 10min.

## AVALIAÇÃO

Avaliação se dará a partir da participação durante a aula.

## REFERÊNCIAS

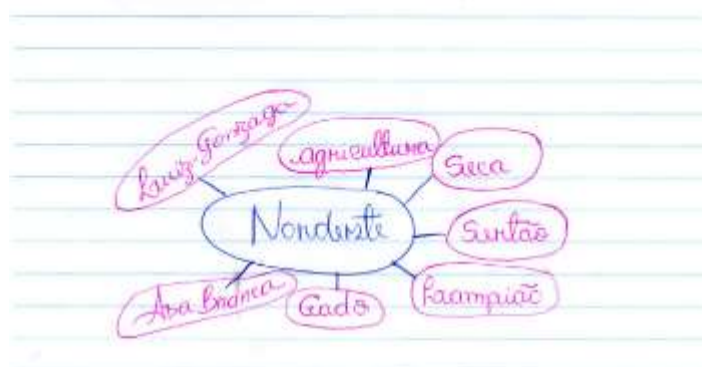
CARNEY, George O. Música e lugar. In: CORRÊA, Roberto Lobato;

CORREIA, M. A.. Representação e ensino - A musica nas aulas de geografia: Emoção e razão nas representações geográficas. 2009. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/21190/Marcos%20Correa.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 set. 2019.

CUNHA, L. H.; PAULINHO, J. S.. Convivência com o semiárido: um novo paradigma para políticas públicas no Nordeste? In: NEVES, D. P.; GOMES, R. A.; LEAL, P. F. (Org.). Quadros e programas institucionais em políticas públicas. Campina Grande: Eduepb, 2014. p. 27-58.

ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Literatura, música e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.p. 123-150.

## ANEXO A – MAPA MENTAL EQUIPE 2, 1º ANO E



Sobre: A música Arca Branca fala sobre a seca, sobre o abandono do gado. O rio que está cheio no inverno e seco no verão, a migração dos moradores nos países vizinhos devido a seca.



**ANEXO B – DESENHO EQUIPE 2, 1º ANO F**

